



“Estava na prisão e fostes visitar-me” (cf. Mt 25,36)

A realidade do sistema carcerário no Brasil e a vocação de trabalhar junto aos presos

Por ocasião do Ano Santo da Misericórdia, o papa Francisco deseja que haja uma grande anistia (perdão) para os presos de todo o mundo. Assim, no dia 6 de novembro deste ano celebramos o “Jubileu dos presos”. A **Rogate** conversou com o vice coordenador da Pastoral Carcerária do Brasil, Pe. Gianfranco Graziola, a respeito da situação do sistema carcerário brasileiro e sobre o trabalho realizado junto aos encarcerados e encarceradas. Gianfranco é italiano, Missionário da Consolata, formado em Teologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana e Mestre em Missiologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, ambas de

Roma. Realizou trabalho missionário entre 1991 e 1999, em Moçambique, na África; em 2001, já no Brasil, em Roraima, dedicou-se à vida paroquial entre os colonos; viveu entre o povo *Yanomami*. Morou também na periferia de Roraima, realizando trabalhos sobre “Justiça e Paz e Integridade da Criação”, produziu e apresentou o programa “Justiça e Paz se abraçarão”, na Rádio Monte Roraima, e escreveu para o Jornal de mesmo nome; coordenou as Pastorais Sociais da Diocese de Roraima e o Centro de Migrações de Direitos Humanos (CMDH). Atualmente vive em São Paulo, capital, devido à função de vice coordenador Nacional da Pastoral Carcerária.



A Pastoral Carcerária é uma presença da Igreja junto aos pobres, entre os mais pobres da face da terra

*Pe. Gianfranco Graziola,
vice coordenador da Pastoral
Carcerária do Brasil*

Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Arquivo pessoal

Pe. Gianfranco em visita pastoral ao presídio

Rogate: Conte-nos como aconteceu o seu despertar vocacional.

Pe. Gianfranco Graziola: O meu despertar vocacional, costumo dizer que é um pouco original. Brotou da morte de um jovem de minha terra, perto de Rovereto, Trento, Itália. O nome dele era Giuliano e tinha sido migrante com sua família no Chile de onde tinha voltado aproximadamente um ano antes do fato que ceifou sua jovem vida, enquanto tomava banho num pequeno lago alpino que se encontra nas montanhas, próximas do vilarejo onde se encontrava de férias. Ele era seminarista Barnabita e estava a um passo de ser ordenado sacerdote. “O grão de trigo caído na terra produz fruto”.

O senhor é vice coordenador da Pastoral Carcerária nacional. O que é e como acontece tal trabalho?

A Pastoral Carcerária é uma presença da Igreja junto aos pobres, entre os mais pobres da face da terra. É reconhecer Cristo que, nesses nossos irmãos e irmãs, continua sendo encarcerado, oprimido, excluído, escarnecido, violado, torturado, flagelado, escravizado, descartado; é uma presença samaritana que realiza os três “Cs” que encontramos na parábola do bom samaritano: *curvar-se, carregar, cuidar*. *Curvar-se*: é parar diante das situações concretas, de suas histórias de vida, para escutar, acolher e dar atenção a cada um; é doar um tempo, deixando

os afazeres para colocar o irmão no centro. *Carregar*: é sentir todo o peso do produto de nosso sistema econômico, egoísta, individualista, excludente; é compartilhar e sentir a dor que os encarcerados e encarceradas sentem, que suas famílias carregam, não ficando indiferentes ou simplesmente no assistencialismo e paternalismo “humano-religioso”. *Cuidar*: é fazer-se cargo da situação de morte que é o cárcere, traba lhando seja com os meios humanos e a partir da fé para o desencarceramento, e ousando sonhar por um mundo sem prisões. O trabalho do dia a dia é a visita aos presídios e lugares de privação de liberdade, seja masculino ou feminino, para encontrar o Cristo que lá está preso e, partindo de nossa fé e valores humanos cristãos, ajudar as pessoas a quebrarem o círculo de violência e de morte que os prende e torna cativos.

As visitas aos presos são frequentes? Quais atividades são realizadas?

As visitas aos presos são semanais ou quinzenais, mas podemos dizer que, em algumas situações, são quase diárias porque acontecem ao longo de toda a semana. As atividades com os presos são de evangelização e promoção humana, procurando vivenciar com eles aquele que é o evangelho da misericórdia e da vida. Por isso, além da garantia da parte sacramental, existe a valorização da pessoa humana num contexto onde ela é aniquilada psicologicamente e espiritualmente, reduzida a um processo, a um artigo de lei, e onde um sistema perverso a brutaliza e desumaniza. As atividades concretas são debates sobre temas sociais, leitura *orante* da Bíblia, celebração dos sacramentos e da Eucaristia. Começamos, recentemente, um trabalho ligado à Justiça Restaurativa, com cursos de Fundamentos de Justiça Restaurativa, seja com os presos e presas ou agentes carcerários.



Justiça Restaurativa, onde o sujeito é a pessoa, onde seus conflitos e suas dores são acolhidos



Foto: Arquivo pessoal

Reunião da Coordenação Nacional

Poderia dar-nos um panorama do sistema carcerário nacional? Quais os maiores desafios?

O sistema carcerário nacional é o ápice da perversidade humana e, contrariamente ao que acontece em países como os Estados Unidos, a Rússia e a China, onde o encarceramento está diminuindo porque considerado caro e não produtivo, no Brasil está aumentando e crescendo fora de toda e qualquer medida. Nos últimos 14 anos (2004-2014) a população prisional teve um aumento de 267,32%, muito acima do crescimento populacional calculado em 67%. Além disso, 40% dos presos e presas brasileiros são provisórios, ainda não foram condenados em definitivo. Sempre no mesmo período, o crescimento das mulheres encarceradas foi de 567,4%, e 68% estão envolvidas com tráfico de drogas; a maior parte delas é jovem com filhos; são responsáveis pelo provimento e sustento familiar, possuem baixa escolaridade e provêm de estratos sociais desfavorecidos; antes do aprisionamento exerciam trabalho informal.¹ Os maiores desafios - além da superlotação, da falta dos requisitos mínimos ligados à preservação da vida e da saúde - são: espírito punitivista, vingativo do sistema carcerário, a lentidão e descaso do judiciário, seu corporativismo e absolutismo, a militarização do sistema, a invisibilidade e pouco conhecimento por parte da sociedade, e a mercantilização do cárcere com a privatização e terceirização dos serviços.

1 - Dados do Infopen - Departamento Penitenciário Nacional, Dezembro 2014.

Fale-nos sobre a proposta de “desencarceramento”...

Desde 2014, a Pastoral Carcerária construiu, com outras entidades ligadas ao mundo do cárcere e questões penais, uma “Agenda pelo Desencarceramento” que está sendo revisada e atualizada neste ano. Ela constitui o decálogo, o ABC da Pastoral, com propostas concretas que procuram enfrentar as causas do encarceramento. Pedimos, nela, que não se invista mais nenhum recurso em construção de presídios, mas que seja canalizado em políticas públicas sérias e de verdade. Também acreditamos que se deva descriminalizar o uso de drogas - uma das maiores causas do encarceramento - e fazer programas alternativos e de controle do Estado tirando aquele espírito de guerra que tem fracassado até agora. Outro ponto fundamental é a desmilitarização das polícias, do sistema carcerário e do próprio Estado. Embora se fale de democracia, a realidade nos diz que ainda é formalidade porque a própria mentalidade da sociedade é militarista (criminalização dos movimentos sociais e seus líderes e lei do antiterrorismo). E, enfim, o tema da Justiça Restaurativa, recomendada pela ONU, já é usado em muitos países, primeiro entre eles, a Nova Zelândia. Isso significa uma justiça horizontal, democrática, cidadã, onde o sujeito é a pessoa, seus conflitos e suas dores são acolhidos, colocados a confronto através da escuta, do diálogo e do enfrentamento, na busca de compromissos e soluções que restaurem as relações e procurem eliminar, por meio de ações concretas, suas causas.



Os ambientes prisionais não são bons, muito menos, educativos. Para as mulheres, é ainda mais complicado? Por que faltam políticas públicas para os encarcerados?

Os ambientes prisionais são péssimos em todos os sentidos, são constante violação dos direitos humanos mais elementares e positivados. O cárcere é fonte de violência, é escola de criminalidade; quanto mais encarcerarmos mais vai aumentar a violência social, a criminalidade, a exclusão, o ódio. A questão da mulher presa tem ganhado proporções gigantescas nestes últimos anos. Mas se o tema da violência e do descaso da mulher na sociedade é gritante, no sistema carcerário é dramático, porque nesse ambiente, fortemente e prioritariamente machista, a mulher é mais uma vez castigada, desprezada punida de várias formas desde a estrutura física das celas, o uso do uniforme, concebida apenas por homens, a negação da sua feminilidade, da maternidade, privando--a de seus filhos e dos cuidados de higiene e saúde. Em tudo isso, o estereótipo da mulher "anjo do lar" e a quebra dele pesa ainda mais e aumenta a fúria do espírito de punição. É bom ressaltar que a falta das políticas públicas sérias é uma das causas do encarceramento. Se não temos políticas públicas na sociedade em geral, em tantas outras áreas necessitadas, quem dirá para o mundo carcerário! São, portanto, urgentes e fundamentais.

Com expansão de presídios, haveria diminuição da violência ou uma melhoria no atendimento aos presos? O que, de fato, pode ser um caminho mais humano e eficaz?

A construção e expansão de presídios vai aumentar a violência, a truculência, a exclusão,

e não vai responder ao problema de superlotação que tem outras causas e que deve ser corrigido com outros meios. Também devemos afirmar, com todas as letras, que não existe humanização do cárcere. O sistema prisional, em si, é desumano, tem uma característica de punir, culpar e fazer sofrer a pessoa para que pague para sua ação. A única saída e o desencarceramento e desaparecimento do sistema prisional. Em síntese "um mundo sem prisões".

O cárcere é fonte de violência, é escola de criminalidade

Em agosto, a Santa Sé anunciou a criação do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Que luzes e horizontes traz para o trabalho com os encarcerados?

Todos sabemos da atenção do papa Francisco com os pobres, centro do Evangelho e para a atuação do Concílio Vaticano II e da Doutrina Social da Igreja. Já existiam Pontifícios Conselhos que tratavam disso, exemplo: o Conselho de Justiça e Paz, Dicastérios de segunda categoria que ele, na organização e reforma da Cúria, criando o novo Dicastério, quis evidenciar, quase a querer colocar em nossas mãos, os instrumentos para a concretização da *Evangelii Gaudium* e da *Laudato Si'*. A partir daí cabe a nós concretizar o que a Igreja, profeticamente retomando o Concílio Vaticano II e um dos seus grandes artífices, o Beato Papa Paulo VI, nos apresenta e propõe por meio de Francisco.

Estamos no mês de encerramento do Ano Santo da Misericórdia proposto pelo papa Francisco. O que destacar desse Jubileu para a Igreja?

A possibilidade da celebração do Ano Santo da Misericórdia nas realidades concretas onde se realiza o anúncio do Evangelho (Igreja Locais, paróquias, áreas missionárias), nas "periferias" - como as chama o papa Francisco -, onde se realizam diariamente atos de misericórdia e onde, ao



mesmo tempo, deve-se implantar a cultura da misericórdia; também é importante sublinhar que a Porta Santa se refere àquela da humanidade que nos leva ao encontro do irmão, do mais fraco, do caído com que faz a experiência de ser carregado pelo Cristo, Bom Pastor, que deixa os que estão dentro para alcançar quem está fora, na lama, ferido das vicissitudes da vida. E um ulterior elemento, que o logotipo do jubileu pouco compreendido nos traz, é o nosso olhar que se funde com o do Pai para enxergar, de agora em diante, as realidades humanas com vísceras de misericórdia e da responsabilidade.

No dia 6 de novembro, ainda dentro do Ano Santo da Misericórdia, haverá o Jubileu dos Encarcerados. Do que se trata e qual a importância de tal celebração?

Mais uma vez é um gesto consequente da vivência do Evangelho por parte de Francisco, em que ele quer olhar a Igreja a partir das periferias, saindo do pó dos museus ideológico-teológicos para a poeira, a lama da vida concreta. Este ato é uma provocação para certo modelo de Igreja, que enxerga o pobre de forma paternalista e piedosa. O papa tem dito várias vezes e colocado como elemento fundante de suas viagens, a centralidade dos

pobres e, nesse caso, os pobres entre os mais pobres, os encarcerados e as encarceradas, vítimas da violência de um sistema econômico que esqueceu a cura da Casa Comum em prol do lucro e de um pequeno grupo de privilegiados. Fundamental é lembrar as três “Ts” (Teto, Terra, Trabalho), programa desafiador lançado aos movimentos sociais para a construção da ecologia integral.

Quem pode participar da Pastoral Carcerária e como proceder?

Da Pastoral Carcerária podem participar toda e qualquer pessoa que seja maior de idade (18 anos) e que, tendo vísceras de misericórdia, vivem as bem-aventuranças e se dispõe a viver as obras de misericórdia no seu dia a dia, caminhando com esses irmãos e irmãs que, nesses momentos, privados de sua liberdade, necessitam de um samaritano que os ajude a erguer-se ou de uma “Verônica” que enxugue o rosto ensanguentado desses cristos de nosso tempo. Para participar, de fato, entre em contato com os agentes de Pastoral Carcerária paroquial, comunidade, diocese, Estado, para se preparar para esta missão desafiadora, mas também muito bela.

Da Pastoral Carcerária, ecoa uma mensagem para os animadores e animadoras vocacionais...

A mensagem é de se deixar cativar para o Cristo e o Evangelho que está fora dos muros de nossas casas, de nossos templos, onde pode-remos descobrir o rosto misericordioso do Pai. E, no discernimento dos vocacionados, saibam ver e colocar aquela “opção” preferencial pelos pobres que é garantia da veracidade do chamado a doar a vida ao projeto do Reino.

Formação da Pastoral Carcerária - Arquidiocese de São Paulo



Foto: Arquivo pessoal

